

Miguel Ângelo apresentou "Timidez" ao vivo no Teatro Camões

O fiel amigo da pop

de Tiago Luz Pedro

Foi no recolhimento interior de uma casa imaginária que Miguel Ângelo apresentou ao vivo "Timidez", o seu álbum de estreia a solo. Mais electrónico e menos expansivo, o vocalista dos Delfins prestou tributo à "new wave" que povoa o seu imaginário de juventude. O público acabou por encontrar em Ângelo a figura do fiel amigo mergulhado em sonhos singularmente pop.

No passado dia 29 de Setembro, data em que a Expo basejava já os seus últimos suspiros, os Delfins apresentaram-se na Praça Sony para o último concerto em Portugal da digressão "Planeta Azul". Em palco esteve um espectáculo total, presenciado por um turbilhão de gente em alvoroço festivo, e em que para além de um conjunto de temas capazes de relatar uma história de sucesso sem paralelo em Portugal se deram saltos colectivos da banda do "skycoaster" e outras euforias que tais.

Na noite de sábado, data em que Miguel Ângelo apresentou pela primeira vez ao vivo "Timidez", o seu álbum de estreia a solo, tudo foi diferente. Num espectáculo integrado no 2º Festival Outono em Lisboa, o espaço aberto da Praça Sony deu lugar ao recolhimento térmico e acústico do Teatro Camões, e a veia expansiva própria a um concerto dos Delfins reverteu-se na revelação interior de um homem só.

Sem Skycoasters nem Jumbotrons que lhe valessem, Miguel Ângelo socorreu-se de uma estrutura cénica ocupada por uma casa imaginária, por cujo espaço fecha-

do respiravam os tempos de contemplação introspectiva a que o músico se votou de há um ano para cá: à direita do palco, um sofá prostrado defronte de uma televisão; à sua frente, uma escrevaninha em madeira escura alumada pelas velas de um candelabro; por cima, um lustro suspenso e, ao lado, um candeeiro de abas vermelho; à esquerda, uma bonita cama em armações de ferro e, por todo o espaço, uma figura em pijama vagueando por territórios de solidão e abandono.

A figura, interpretada pelo jornalista e professor universitário José Manuel Simões, cúmplice de Miguel Ângelo na sua recente estreia literária — "A Queda de um Homem (Ensaio Para Romance)", editado pela Europa América —, ora rumava sem destino pela casa, ora apresentava, em género declamativo, cada um dos doze temas de "Timidez": umas vezes melhor, recitando ou improvisando versos dos temas que apresentava; outras pior, em jeito de poética-panfletária que descambou a mais das vezes para o ridículo.

Esta não era, assim, uma casa qualquer. Para além da figura quase louca de José Manuel Simões, personificação em estado crónico dos limites da condição humana na aceleração do quotidiano moderno, o pesado edifício tecnológico escondido por detrás da casa — sintetizadores e computadores por cujos circuitos passa grande parte da construção electrónica de "Timidez" — indicou que esta só podia pertencer a uma grande metrópole.

E foi no confronto desfazado entre o recolhimento interior e o cosmopolismo exterior, insinuação expressa e por diversas vezes confirmada ao eixo Miguel Ângelo-Delfins, que o concerto se desenrolou. Uma a uma, as doze canções de "Timidez" desfilaram em toda a sua sobranceira "electropop", interpretada pelo mesmo conjunto de músicos que acompanharam Miguel Ângelo na produção do seu álbum de estreia a solo: um trio de teclas constituído por Carlos Maria Trindade, dos Madredeus, Pascoal, dos

Santos & Pecadores, e Luís Sampaio, dos Delfins, o baixo de Fernando Cunha, o saxofone de Mário Gramaço e a bateria de Jorge Quadros, dos Astronautas.

E o concerto não podia ter começado melhor, com quatro dos melhores temas de "Timidez" interpretados de seguida e reforçados pelas incontornáveis condições acústicas do Teatro Camões. "Ontem sonhei que alguém me amava", versão em português de "Yesterday i've dreamt that somebody loves me", dos Smiths, "A via láctea", faixa de abertura de "Timidez", "Toda a gente sabe que te amo", versão de "Everybody knows that i love you", dos Divine Comedy, e "Não há nada que eu não queira", o melhor dos temas do álbum com assinatura de Miguel Ângelo, revelaram aquilo que "Timidez" tem de melhor: sem que a vertente ultrapop própria a uns Delfins seja desautorizada, os modos de produção com que esta se edifica, bem mais electrónicos e laboriados, elevam-na a uma dimensão tal que julgamos por vezes estar num horizonte de abraços e sorrisos, em que a cada compasso se insinua a busca da canção pop perfeita. "Timidez" é por isso mesmo um álbum que fará, sem grandes dispêndios, as delícias de um qualquer apóstolo da felicidade musical dos Delfins, e a reacção em crescendo das cerca de 400 pessoas que ocupavam meia-sala do Teatro Camões acabou por atestá-lo.

De início expectante, o público libertou-se gradualmente para encontrar em Miguel Ângelo não a figura do traidor, mas do fiel amigo mergulhado nos mesmos sonhos pop que os Delfins sempre cultivaram.

Mesmo os temas mais melancólicos, carregados de letras sombrias e que tendem a espaços para uma certa ligeireza de processos — "Longe do meu lado", uma das duas versões dos brasileiros Legião Urbana presentes em "Timidez", "Está tudo louco" e "Eterno" —, acabaram por resultar em pleno. Uma apresentação feliz e sóbria, numa noite singularmente pop. ■